



Aula 06 – Coesão

ITA - 2021

Professora Celina Gil

Sumário

Sumário

Apresentação	3
1 – Análise social	4
2 - Coesão	6
Coesão Gramatical.....	6
Coesão Lexical.....	8
2.3 – Exercícios de coesão	9
2.4 - Gabarito	15
2.5 – Exercícios comentados	16
3 – Prática de redação	23
Proposta I.....	23
Proposta II.....	27
Proposta III.....	30
Proposta IV.....	34
Considerações finais.....	37



Apresentação

Olá!

Vamos mudar um pouco nosso esquema de aulas para abarcar esses pontos tão importantes de coesão e coerência. Agora, você terá alguns exercícios de múltipla escolha para praticar usos de conectivos!

Na aula de hoje, veremos:

AULA 06 – Coesão

- Estudo dos conectivos
- Exercícios de identificação de valores de conectivos; e
- Prática de redação: produção de 2 textos.

Nossas aulas de redação serão sempre compostas de 3 partes:

1 - Análise social

Apontamentos acerca de assuntos ligados ao contemporâneo.
Esses apontamentos têm o objetivo de fortalecer seu repertório e auxiliar na elaboração de argumentos.

2 - Estudo de uma parte da dissertação

Estudo aprofundado de uma das partes que compõe o texto dissertativo.
Vamos passar por introdução, desenvolvimento, conclusão e coesão/coerência.

3- Produção textual

Análise de redações/trechos de redações e/ou exemplo de produção textual.
Propostas de redação inéditas para serem executadas pelo aluno.

Vamos lá?



1 – Análise social

Em seu livro **Vigiar e Punir**, Michael Foucault mostra o nascimento da sociedade moderna a partir da maneira como eram tratados os fora da lei. Por volta do século XVII, as punições eram exemplares, mas ocasionais. Eram horríveis, sem dúvida, um espetáculo grotesco, mas eram raras. As sociedades modernas começam a abolir os suplícios e a humanizar os castigos. Contudo, isso ocorre a partir da criação de **instituições disciplinares de controle e vigilância social**: a **escola**, o **quartel** ou o **manicômio**.

Na verdade, o controle se faz através do **corpo**. Na escola, por exemplo, o jovem é submetido a uma série de regras que devem levá-lo a controlar o corpo em nome da razão: não se pode ir ao banheiro quando quer, deve obedecer a toques de sinais, o sono não é permitido. Essa é uma forma de interiorizar a disciplina. Trata-se de mecanismos de poder “que fazem viver”, pois as práticas visam a garantir o desenvolvimento do indivíduo.

Desses mecanismos, o mais bem-sucedido relaciona-se à **saúde**. O desenvolvimento da biologia e da medicina realmente proporcionou bem-estar ao homem. Contudo, o preço pago é o **controle e a vigilância**.

Gilles Deleuze identifica que a sociedade contemporânea é identificada pelo **controle**. Isso não se refere a um encarceramento, mas a um **controle aberto**. Não que a ideia de disciplina tenha deixado de existir, mas foi expandida para outros campos.

Segundo Foucault, a disciplina é **interiorizada** a partir das noções de **medo, julgamento e destruição**. Numa sociedade contemporânea, em que as antigas instituições sólidas já não existem mais, os dispositivos disciplinares podem aparecer em ainda mais espaços.

As instituições sociais modernas produzem indivíduos sociais muito mais moveis e flexíveis que antes. O indivíduo contemporâneo é mais flexível, fluido, não pertence a nenhuma identidade e pertence a todas. E está **eternamente sob vigilância**. O nomadismo e as redes de informação são fundamentais para a ideia de controle. A vigilância é **virtual e onipresente**, não necessariamente dominante como no esquema do **Panóptico**. Na sociedade do controle, todo indivíduo é um panóptico em potencial.



Panóptico é o termo que designa a prisão ideal, desenvolvida por Jeremy Bentham em 1785. Sua arquitetura consiste num edifício circular. Ao centro, uma torre em que os seguranças podem observar para todas as direções. Em volta, as celas, separadas sem qualquer comunicação. Os presos nunca saberiam quando estavam sendo observados, pois não há visibilidade de dentro da torre. Veja a imagem para um exemplo possível de Panóptico.

Toda a sociedade controla os passos do indivíduo. Há vigilância constante de câmeras em todos os lugares, inclusive a ameaça de que dentro de sua própria casa, seu computador pode estar vigiando você. Não é preciso que haja ninguém nos observando para sermos disciplinados: é a **possibilidade de estar sendo observados que norteia nossos comportamentos.** Estamos sob o efeito de controle disciplinar independente de termos ou não uma autoridade por perto.

Um dos fenômenos mais exemplares para compreender a sociedade do controle são os **reality shows**. Os programas colocam os participantes em situações limite e o público observa o modo como eles reagem a essas situações e julga seu comportamento.

Na sociedade de controle, o aspecto disciplinar não desaparece, apenas muda seu modo de atuação. Isso aparece, por exemplo, na ideia de **abolição do confinamento**, tanto psiquiátrico quanto criminal.

FILMES		
<p>Dead set (2008)</p>  <p>Durante uma temporada do Big Brother, tem início o apocalipse zumbi. As pessoas que estão reclusas na casa, porém, não sabem que estão agora cercadas.</p>	<p>V de vingança (2005) Dir.: James Mc Teigue</p>  <p>Numa Inglaterra do futuro, em que um regime totalitário está em vigor, um homem mascarado, cujo codinome é V, convoca a resistência contra a tirania do regime.</p>	<p>O leitor (2008) Dir. Stephen Daldry</p>  <p>Em uma sociedade moralista, que pressiona as pessoas a seguir seu padrão de comportamento, uma mulher solitária e mais velha se envolve com um adolescente, num caso que mudará suas vidas.</p>
<p>A onda (2008). Dir.: Dennis Gansel</p>  <p>Um professor de ensino médio cria um experimento para ensinar na prática para seus alunos os mecanismos de fascismo, poder e controle, mas isso acaba se tornando real.</p>	<p>Clube dos cinco (1985) Dir.: John Hughes</p>  <p>Cinco adolescentes muito diferentes entre si, do ensino médio, ficam uma tarde juntos na detenção por conta de delitos que cometeram. Exemplo para a ideia de disciplina de Foucault.</p>	<p>O círculo (2017) Dir.: James Ponsoldt</p>  <p>The Circle, uma das empresas mais poderosas de internet do mundo, responsável por conectar os e-mails das pessoas a todas as suas atividades. Mae Holland é contratada para um experimento de mostrar sua vida 24h.</p>

2 - Coesão

A **coesão** lida com as articulações no nível da morfossintaxe, ou seja, entre as palavras, frases, orações e períodos. Ela pode ser **gramatical ou lexical**.

Coesão Gramatical

➤ Referência e reiteração

Consiste em substituir os termos que já apareceram no texto por outros que possam lhe fazer referência. São empregados, principalmente **pronomes, numerais, advérbios e artigos**:

São mecanismos chamados de **anáfora** e **catáfora**, respectivamente:

Anáfora: recupera termo anterior	Ex.: A menina saiu. <u>Ela</u> foi à praia.
Catáfora: recupera termo posterior	Ex. Só espero <u>isto</u> : uma folga .

➤ Elipse

A **elipse** é uma figura linguagem que dá nome ao fenômeno de omitir um termo da oração, tendo em vista o contexto ou situação. **Só se podem omitir termos que não serão prejudiciais ao entendimento**, ou seja, a oração precisa fazer sentido mesmo sem eles.

Supressão das formas nominais (substantivos, adjetivos, numerais, etc.)	A menina caiu do cavalo, mas (a menina) dançou a noite toda.
Supressão do verbo (ainda que de flexões diferentes)	O menino era inteligente, mas não (era) esperto. O menino era esperto, mas as meninas (eram) inteligentes.

➤ Conjunção

A coesão por **conjunção** nada mais é que o uso correto dos conectivos. **É muito importante para sua redação, mas é também muito comum em exercícios de interpretação em gramática.**



O valor dos conectivos é o assunto mais importante para coesão e coerência.

Dedique-se a conhecer esses usos e aplicar em suas redações.

Veja um quadro com as principais conjunções e seus valores para usar em sua redação:

Conjunções coordenativas

<p>Aditivas Relacionam pensamentos similares.</p> <p>e; nem; também; bem como; não só...mas também.</p>	<p>Adversativas Relacionam pensamentos opostos.</p> <p>mas; porém; contudo; todavia; entretanto; no entanto; não obstante.</p>
<p>Alternativas Relacionam pensamentos excludentes.</p> <p>ou; ou...ou; já...já; ora...ora; quer...quer; seja...seja.</p>	<p>Conclusivas Relacionam pensamentos em que o segundo conclui o primeiro.</p> <p>logo; pois; portanto; assim; por isso; por consequência; por conseguinte.</p>
<p>Explicativas Relacionam pensamentos em que a segunda frase explica a primeira.</p> <p>que; porque; porquanto; pois; isto é.</p>	

Conjunções subordinativas

<p>Causais Exprimem causa.</p> <p>porque; que; porquanto; visto que; uma vez que já que; pois que; como.</p>	<p>Concessivas Exprimem contraste.</p> <p>embora; conquanto; ainda que; mesmo que; se bem que; posto que.</p>
---	--

<p style="text-align: center;">Proporcionais Exprimem proporção.</p> <p>à medida que; à proporção que; ao passo que.</p>	<p style="text-align: center;">Conformativas Exprimem conformidade.</p> <p>como; conforme; consoante; segundo.</p>
<p style="text-align: center;">Comparativas Exprimem comparação.</p> <p>como (relacionado a tal, tão, tanto); como se; do que (relacionado a mais, menos, maior, menor, melhor, pior); que.</p>	<p style="text-align: center;">Consecutivas Exprimem consequência.</p> <p>que; tanto que; tão que; tal que; tamanho que; de forma que; de modo que; de sorte que; de tal forma que.</p>
<p style="text-align: center;">Finais Exprimem finalidade.</p> <p>a fim de que; para que; porque; que.</p>	<p style="text-align: center;">Integrantes Antecipam uma oração com valor de substantivo</p> <p>que; se; como.</p>
<p style="text-align: center;">Condicionais Exprimem condição.</p> <p>se; caso; desde; salvo se; desde que; exceto se; contando que.</p>	<p style="text-align: center;">Temporais Exprimem tempo.</p> <p>antes que; apenas; assim que; até que; depois que; logo que; quando; tanto que.</p>

Coesão Lexical

➤ Reiteração e Nominalização

Na **reiteração** ocorre a repetição de palavras ou expressões linguísticas.

Ex.: Ele **comia, comia, comia** até não poder mais.



Já a **nominalização** é a repetição de termos da mesma família, ou seja, que possuem o mesmo radical.

Ex.: Ela estava muito **feliz** e essa **felicidade** a preenchia.

➤ Substituição

Nos processos de substituição, são utilizados termos ou expressões que pertençam ao mesmo campo semântico. Assim, o texto não fica repetitivo ou difícil de assimilar.

Recurso de substituição	Exemplo
Sinonímia: expressões linguísticas de significados semelhantes.	São Paulo inspirou muitas músicas. A terra da garoa já ganhou músicas de Tom Zé, Caetano Veloso e Rita Lee.
Antonímia: expressões linguísticas de significados opostos.	Economizar dinheiro é difícil entre os jovens. Pessoas com menos de vinte anos tendem a gastar muito .
Hiperonímia: expressões linguísticas que representam conjunto ou termo geral.	Artistas tendem a ver o mundo de maneira diferente. Os pintores enxergam de modo único as cores que os circundam.
Hiponímia: substituir por expressão linguística que representa individual ou termo detalhado.	As abelhas são muito importantes para o equilíbrio ambiental. O desaparecimento desses insetos está causando muitas mazelas na natureza.

2.3 – Exercícios de coesão

1. (ITA SP – 2014 adaptada)

Assinale a opção cujo elemento coesivo em negrito substitui os dois pontos sem alterar o sentido do período. São trechos de um texto sobre a criação do personagem, Carlito, de Charles Chaplin.

- a) O andar do personagem não saiu completo e definitivo da cabeça de Chaplin: foi uma criação em que o artista procedeu por uma sucessão de tentativas e erradas. – **já que**
- b) O público riu: estava fixado o andar habitual do personagem Carlito. – **visto que**
- c) O público não achou graça: estava desapontado. – **de forma que**
- d) Cada espectador pode encontrar nele o que procura: o riso, a crítica, o lirismo ou ainda o contrário de tudo isso. – **posto que**
- e) A interpretação cabe perfeitamente dentro do tipo e mais: o americano bem verdadeiramente americano, o que veda a entrada do seu território a doentes e estropiados, não poderia pensar outra coisa. – **tanto que**

2. (ITA SP - 2011)

Os trechos a seguir, que estão fora de ordem, fazem parte de um texto coeso e coerente.



- I. Estudos feitos com várias profissões que trabalham em turnos mostram que ficar acordado por mais de 19 horas ou ter uma jornada de trabalho superior a 12 horas provoca sintomas semelhantes ao de um porre.
 - II. Se essas duas condições se sobrepõem numa madrugada, as consequências negativas se potencializam ao extremo.
 - III. As reações ficam mais lentas e o julgamento da realidade é comprometido.
 - IV. Um piloto dormir no manche do avião é uma cena muito mais rara do que um motorista de ônibus ou caminhão cochilar no volante. Mas pode acontecer.
 - V. No caso da aviação, há ainda o agravante de que os pilotos trabalham a 10 mil metros do solo, no comando de aeronaves complexas e delicadas, às vezes com mais de uma centena de passageiros a bordo.
- (Em: Pesquisa Fapesp, agosto/2009. Adaptado)

Assinale a opção que apresenta a melhor sequência.

- a) I – II – IV – III – V.
- b) IV – I – II – V – III.
- c) IV – I – III – II – V.
- d) I – V – IV – III – II.
- e) IV – I – II – III – V.

3. (IME – 2014 adaptada)

Arte estimula o aprendizado de matemática

¹ Resolver operações matemáticas foi difícil para muitos dos gênios da ciência, e ² continua pouco atraente para muitos alunos em salas de aula. Muita gente pensa em ³ vincular matemática com a arte para tornar o aprendizado mais estimulante.

⁴ O professor Luiz Barco, da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São ⁵ Paulo (USP) é um deles. "Há mais matemática nos livros de Machado de Assis, nos ⁶ poemas de Cecília Meireles e Fernando Pessoa do que na maioria dos livros didáticos de ⁷ matemática". Para ele, a matemática captura a lógica do raciocínio, assim como ⁸ acontece com o imaginário na literatura, com a harmonia na música, na escultura, na ⁹ pintura, nas artes em geral.

¹⁰ Para o pesquisador Antônio Conde, do Instituto de Matemática e Computação da ¹¹ USP/São Carlos, a convivência entre arte e matemática aumentaria a capacidade de ¹² absorção dos estudantes. "O lado estético da matemática é muito forte, a ¹³ demonstração de um teorema é uma obra de arte", conclui.

¹⁴ O holandês Maurits Cornelis Escher é, provavelmente, um dos maiores ¹⁵ representantes dessa ligação, produzindo obras de arte geometricamente ¹⁶ estruturadas. Ele provou, na prática, que é possível olhar as formas espaciais do ¹⁷ ponto de vista matemático, ou sob o seu aspecto estético, utilizando-as para se ¹⁸ expressar plasticamente.

¹⁹ "Olhando os enigmas que nos rodeiam e ponderando e analisando as minhas ²⁰ observações, entro em contato com o mundo da matemática", dizia Escher, que ²¹ morreu em 1972.



CIÊNCIA E CULTURA. Arte estimula o aprendizado de matemática. Disponível em:
<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252003000100017&script=sci_arttext>. Acesso em 05/05/2013.

Dentre os trechos do texto nas alternativas a seguir, um revela uso inadequado do recurso coesivo. Aponte-o.

- a) O professor Luiz Barco, (...) é um deles. (Refs. 4 e 5)
- b) Para ele, a matemática captura a lógica do raciocínio, (...) (Ref. 7)
- c) Ele provou, na prática, que é possível (...) (Ref. 16)
- d) (...) ou sob o seu aspecto estético, (...) (Ref. 17)
- e) (...) utilizando-as para se expressar plasticamente. (Ref. 17)

4. (IME - 2010)

O processo de coesão pode ser realizado através de vocábulos anafóricos – aqueles que se referem a um outro anteriormente expresso. A oração do texto, que NÃO apresenta vocábulo anafórico é:

- a) (...) chegou a São Vicente, a primeira vila fundada no Brasil. Lá, teve o primeiro contato com os índios.
- b) Para os índios, foi médico, sacerdote e educador: cuidava do corpo, da alma e da mente.
- c) Anchieta escreveu o "Poema em Louvor à Virgem Maria", com 5.732 versos, alguns dos quais traçados nas areias das praias.
- d) Em 1565, entrou com Estácio de Sá na baía de Guanabara, onde estabeleceram os fundamentos do que viria a ser a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.
- e) José de Anchieta nasceu em família rica, numa das sete ilhas Canárias, de onde avistava os navios que se abasteciam no porto de Tenerife para seguir rumo ao Oriente ou ao Novo Mundo.

5. (FUVEST – 2018)

¹ Uma obra de arte é um desafio; não a explicamos, ² ajustamo-nos a ela. Ao interpretá-la, fazemos uso dos nossos ³ próprios objetivos e esforços, dotamo-la de um significado que ⁴ tem sua origem nos nossos próprios modos de viver e de pensar. ⁵ Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, ⁶ torna-se, deste modo, arte moderna.

⁷ As obras de arte, porém, são como altitudes inacessíveis. ⁸ Não nos dirigimos a elas diretamente, mas contornamo-las. ⁹ Cada geração as vê sob um ângulo diferente e sob uma nova ¹⁰ visão; nem se deve supor que um ponto de vista mais recente é ¹¹ mais eficiente do que um anterior. Cada aspecto surge na sua ¹² altura própria, que não pode ser antecipada nem prolongada; ¹³ e, todavia, o seu significado não está perdido porque o ¹⁴ significado que uma obra assume para uma geração posterior ¹⁵ é o resultado de uma série completa de interpretações anteriores.

Arnold Hauser, **Teorias da arte**. Adaptado.

No trecho “Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, torna-se, deste modo, arte moderna” (Refs. 5-6), as expressões sublinhadas podem ser substituídas, sem prejuízo do sentido do texto, respectivamente, por

- a) realmente; portanto.



- b) invariavelmente; ainda.
- c) com efeito; todavia.
- d) com segurança; também.
- e) possivelmente; até.

6. (FUVEST - 2015)

¹ Tornando da malograda espera do tigre, alcançou o ² capanga um casal de velhinhos, que seguiam diante dele o ³ mesmo caminho, e conversavam acerca de seus negócios ⁴ particulares. Das poucas palavras que apanhara, percebeu ⁵ João Fera que destinavam eles uns cinquenta mil-réis, tudo ⁶ quanto possuíam, à compra de mantimentos, a fim de fazer ⁷ um moquirão*, com que pretendiam abrir uma boa roça.

⁸ – Mas chegará, homem? perguntou a velha.

⁹ – Há de se espichar bem, mulher!

¹⁰ Uma voz os interrompeu:

¹¹ – Por este preço dou eu conta da roça!

¹² – Ah! É nhô João!

¹³ Conheciam os velhinhos o capanga, a quem tinham ¹⁴ por homem de palavra, e de fazer o que prometia. ¹⁵ Aceitaram sem mais hesitação; e foram mostrar o lugar que ¹⁶ estava destinado para o roçado.

¹⁷ Acompanhou-os João Fera; porém, mal seus olhos ¹⁸ descobriram entre os utensílios a enxada, a qual ele ¹⁹ esquecera um momento no afã de ganhar a soma precisa, ²⁰ que sem mais deu costas ao par de velhinhos e foi-se ²¹ deixando-os embasbacados.

José de Alencar, **Til**.

* **moquirão** = mutirão (mobilização coletiva para auxílio mútuo, de caráter gratuito).

Considere os seguintes comentários sobre diferentes elementos linguísticos presentes no texto:

- I. Em “alcançou o capanga um casal de velhinhos” (L. 1-2), o contexto permite identificar qual é o sujeito, mesmo este estando posposto.
- II. O verbo sublinhado no trecho “que seguiam diante dele o mesmo caminho” (L. 2-3) poderia estar no singular sem prejuízo para a correção gramatical.
- III. No trecho “que destinavam eles uns cinquenta mil-réis” (L. 5), pode-se apontar um uso informal do pronome pessoal reto “eles”, como na frase “Você tem visto eles por aí?”.

Está correto o que se afirma em

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) III, apenas.
- d) I e II, apenas.
- e) I, II e III.

7. (UNESP – 2018)



“Na pedreira perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.” (2o parágrafo)

Os pronomes sublinhados referem-se, respectivamente, a

- a) “alavanca”, “um”, “viúva e órfãos”.
- b) “pedra”, “um”, “meninos”.
- c) “pedra”, “alavanca”, “viúva e órfãos”.
- d) “alavanca”, “pedra”, “viúva e órfãos”.
- e) “alavanca”, “pedra”, “meninos”.

8. (UNESP – 2017 adaptada)

Em “Conta ela que seu Afredo, **mal** viu minha tia sair, chegou-se a ela com ar disfarçado.”, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido do texto, por:

- a) assim como.
- b) logo que.
- c) enquanto.
- d) porque.
- e) ainda que.

9. (UNESP - 2016 adaptado)

Leia o trecho do texto **Brinquedos incendiados**, e Cecília Meirelles.

Assim, o bando que passava, de casa para a escola e da escola para casa, parava longo tempo a contemplar aqueles brinquedos e lia aqueles nítidos preços, com seus cifrões e zeros, sem muita noção do valor – porque nós, crianças, de bolsos vazios, como namorados antigos, éramos só renúncia e amor. Bastava-nos levar na memória aquelas imagens e deixar cravadas nelas, como setas, os nossos olhos.

Abaixo, você encontra o texto reescrito, mas mantendo o mesmo sentido do texto original:

_____, o bando de crianças passava em frente ao bazar e parava _____ pudesse contemplar aqueles brinquedos, _____ lia os preços sem muita noção de valor, _____ o importante era levar na memória aquelas imagens fantásticas.

Para que haja coesão entre as ideias, as lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, por:

- a) Portanto ... se bem que ... assim que ... pois
- b) Entretanto ... para que ... depois que ... à medida que
- c) Desse modo ... para que ... enquanto ... pois
- d) Apesar disso ... ainda que ... depois que ... à medida que
- e) Todavia ... ainda que ... enquanto ... de sorte que

10. (INSPER – 2017)



Os memes – termo usado para se referir a um conceito ou imagem que se espalha rapidamente no mundo virtual – costumam surgir de um fato inusitado ou de uma situação engraçada que se espalha pela internet e começa a ganhar variadas versões. Em época de eleições, os candidatos viram alvos perfeitos dessas paródias.

Especialistas ouvidos pelo Estado dizem, no entanto, que o surgimento desses “memes políticos” não significa que as pessoas estejam mais interessadas em discutir política. “Isso aconteceria se elas estivessem debatendo propostas dos candidatos. O meme surge só para divertir”, diz o consultor em marketing político Carlos Manhanelli.

Rafael Sbarai, pesquisador de mídias digitais, concorda. Para ele, o fenômeno se explica pela tecnologia, não pela política. “Temos hoje mais pessoas conectadas, mais pessoas passando mais tempo nas redes sociais, especialmente no Facebook.”

O especialista em marketing político digital Gabriel Rossi recomenda: quando algum candidato for alvo de um meme, desde que ele não seja ofensivo, as campanhas têm de encarar o fato com bom humor.

(<http://politica.estadao.com.br>)

No segundo parágrafo, emprega-se a expressão “no entanto”, em relação às informações do parágrafo anterior, com a finalidade de indicar uma

- a) comparação de ideias, com as quais se pode inferir que a análise de temas políticos já faz parte do cotidiano da maioria dos internautas.
- b) conclusão de ideias, com as quais se pode concluir que as pessoas têm se mostrado mais preocupadas atualmente em debater política.
- c) consequência de ideias, com as quais se pode comprovar a tendência do brasileiro em analisar a situação política do país com humor.
- d) contrajunção de ideias, com as quais se pode concluir que a discussão política perde espaço para o humor e para o entretenimento no mundo virtual.
- e) explicação de ideias, com as quais se pode entender que, no campo da política nacional, o humor tem espaço bastante restrito.



2.4 - Gabarito

1. A
2. E
3. A
4. B
5. A
6. D
7. A
8. B
9. C
10. D



2.5 – Exercícios comentados

1. (ITA SP – 2014 adaptada)

Assinale a opção cujo elemento coesivo em negrito substitui os dois pontos sem alterar o sentido do período. São trechos de um texto sobre a criação do personagem, Carlito, de Charles Chaplin.

- a) O andar do personagem não saiu completo e definitivo da cabeça de Chaplin: foi uma criação em que o artista procedeu por uma sucessão de tentativas e erradas. – **já que**
- b) O público riu: estava fixado o andar habitual do personagem Carlito. – **visto que**
- c) O público não achou graça: estava desapontado. – **de forma que**
- d) Cada espectador pode encontrar nele o que procura: o riso, a crítica, o lirismo ou ainda o contrário de tudo isso. – **posto que**
- e) A interpretação cabe perfeitamente dentro do tipo e mais: o americano bem verdadeiramente americano, o que veda a entrada do seu território a doentes e estropiados, não poderia pensar outra coisa. – **tanto que**

Comentários: A alternativa A está correta, pois “já que” tem valor de explicação: o andar não saiu completo, pois foi partiu de uma sucessão de tentativas.

Alternativa B está incorreta, pois “visto que” tem valor causal e, neste caso, a relação é de consequência: porque o público riu, fixou-se o andar de Carlito.

Alternativa C está incorreta, pois “de forma que” tem valor de consequência e, neste caso, a relação é de conclusão: o público não achou graça, logo, ficou desapontado.

Alternativa D está incorreta, pois “posto que” tem valor de causa e, neste caso, a relação é de explicação, enumerando tudo o que se pode encontrar na personagem.

Alternativa E está incorreta, pois “tanto que” tem valor explicação e, neste caso, a relação é de causa: a interpretação cabe bem, pois é realmente isso que pensa o americano.

Gabarito: A

2. (ITA SP - 2011)

Os trechos a seguir, que estão fora de ordem, fazem parte de um texto coeso e coerente.

- I. Estudos feitos com várias profissões que trabalham em turnos mostram que ficar acordado por mais de 19 horas ou ter uma jornada de trabalho superior a 12 horas provoca sintomas semelhantes ao de um porre.
- II. Se essas duas condições se sobrepõem numa madrugada, as consequências negativas se potencializam ao extremo.
- III. As reações ficam mais lentas e o julgamento da realidade é comprometido.
- IV. Um piloto dormir no manche do avião é uma cena muito mais rara do que um motorista de ônibus ou caminhão cochilar no volante. Mas pode acontecer.
- V. No caso da aviação, há ainda o agravante de que os pilotos trabalham a 10 mil metros do solo, no comando de aeronaves complexas e delicadas, às vezes com mais de uma centena de passageiros a bordo.

(Em: Pesquisa Fapesp, agosto/2009. Adaptado)

Assinale a opção que apresenta a melhor sequência.



- a) I – II – IV – III – V.
- b) IV – I – II – V – III.
- c) IV – I – III – II – V.
- d) I – V – IV – III – II.
- e) IV – I – II – III – V.

Comentários: Para compreender esta questão é preciso observar o conteúdo de cada item. Só assim pode-se auferir se o texto faz sentido. Sobre o que tratam todos os itens? Sobre as longas jornadas de trabalho dos pilotos de avião. A primeira informação, portanto, deve ser relacionada a situar o contexto. Tanto a I. quanto a IV. dão informações contextuais. Logo, deve-se observar a relação entre os itens.

Em I. se apresentam duas alternativas prejudiciais à saúde: ficar acordado muito tempo e ter uma jornada de trabalho longas. Na alternativa II., a oração se inicia por “Se essas duas condições se sobrepõem numa madrugada”, logo, ela deve vir automaticamente depois da alternativa I.

O item II. ainda fala sobre as consequências negativas, mas não as enumera. O item III. é o único que contém a listagem de possíveis consequências para as práticas, logo, III. deve vir automaticamente depois de II.

O item V. se inicia com “no caso da aviação”, o que demonstra que deve ser precedido por uma afirmação mais geral sobre os malefícios. Por isso, deve vir automaticamente depois de III.

Assim, como o item IV. não consegue estabelecer relação com a oração V., ele deve ser a primeira oração, antecipando toda a sequência que ficaria: IV – I – II – III – V.

Gabarito: E

Arte estimula o aprendizado de matemática

¹ Resolver operações matemáticas foi difícil para muitos dos gênios da ciência, e ² continua pouco atraente para muitos alunos em salas de aula. Muita gente pensa em ³ vincular matemática com a arte para tornar o aprendizado mais estimulante.

⁴ O professor Luiz Barco, da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São ⁵ Paulo (USP) é um deles. "Há mais matemática nos livros de Machado de Assis, nos ⁶ poemas de Cecília Meireles e Fernando Pessoa do que na maioria dos livros didáticos de ⁷ matemática". Para ele, a matemática captura a lógica do raciocínio, assim como ⁸ acontece com o imaginário na literatura, com a harmonia na música, na escultura, na ⁹ pintura, nas artes em geral.

¹⁰ Para o pesquisador Antônio Conde, do Instituto de Matemática e Computação da ¹¹ USP/São Carlos, a convivência entre arte e matemática aumentaria a capacidade de ¹² absorção dos estudantes. "O lado estético da matemática é muito forte, a ¹³ demonstração de um teorema é uma obra de arte", conclui.

¹⁴ O holandês Maurits Cornelis Escher é, provavelmente, um dos maiores ¹⁵ representantes dessa ligação, produzindo obras de arte geometricamente ¹⁶ estruturadas. Ele provou, na prática, que é possível olhar as formas espaciais do ¹⁷ ponto de vista matemático, ou sob o seu aspecto estético, utilizando-as para se ¹⁸ expressar plasticamente.

¹⁹ "Olhando os enigmas que nos rodeiam e ponderando e analisando as minhas ²⁰ observações, entro em contato com o mundo da matemática", dizia Escher, que ²¹ morreu em 1972.



3. (IME – 2014 adaptada)

Dentre os trechos do texto nas alternativas a seguir, um revela uso inadequado do recurso coesivo. Aponte-o.

- a) O professor Luiz Barco, (...) é um deles. (Refs. 4 e 5)
- b) Para ele, a matemática captura a lógica do raciocínio, (...) (Ref. 7)
- c) Ele provou, na prática, que é possível (...) (Ref. 16)
- d) (...) ou sob o seu aspecto estético, (...) (Ref. 17)
- e) (...) utilizando-as para se expressar plasticamente. (Ref. 17)

Comentários: A alternativa A é a que apresenta uso inadequado, pois o a expressão “é um deles” deveria retomar a expressão “muita gente” e, portanto, deveria estar no feminino (“é uma delas”).

Em B há uso correto, pois “ele” retoma “Professor Luiz Barco”.

Em C há uso correto, pois “ele” retoma “Maurits Cornelis Escher”, artista plástico.

Em D há uso correto, pois “seu” é pronome possessivo e concorda com o complemento, nesse caso, “aspecto estético”.

Em E há uso correto, pois “as” retoma “formas espaciais”.

Gabarito: A

4. (IME - 2010)

O processo de coesão pode ser realizado através de vocábulos anafóricos – aqueles que se referem a um outro anteriormente expresso. A oração do texto, que NÃO apresenta vocábulo anafórico é:

- a) (...) chegou a São Vicente, a primeira vila fundada no Brasil. Lá, teve o primeiro contato com os índios.
- b) Para os índios, foi médico, sacerdote e educador: cuidava do corpo, da alma e da mente.
- c) Anchieta escreveu o "Poema em Louvor à Virgem Maria", com 5.732 versos, alguns dos quais traçados nas areias das praias.
- d) Em 1565, entrou com Estácio de Sá na baía de Guanabara, onde estabeleceram os fundamentos do que viria a ser a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.
- e) José de Anchieta nasceu em família rica, numa das sete ilhas Canárias, de onde avistava os navios que se abasteciam no porto de Tenerife para seguir rumo ao Oriente ou ao Novo Mundo.

Comentário: Na alternativa B não há a presença de vocábulos que fazem substituição de termos que apareceram anteriormente: há a reescrita das profissões com outros termos sinônimos.

A alternativa A apresenta o advérbio de lugar “lá” que retoma “São Vicente”.

A alternativa C apresenta o pronome indefinido “alguns” que retoma “versos”.

A alternativa D apresenta o advérbio de lugar “onde” que retoma “baía de Guanabara”.

Alternativa E apresenta o advérbio de lugar “onde” que retoma “uma das sete ilhas Canárias”.

Gabarito: B

5. (FUVEST – 2018)

¹ Uma obra de arte é um desafio; não a explicamos, ² ajustamo-nos a ela. Ao interpretá-la, fazemos uso dos nossos ³ próprios objetivos e esforços, dotamo-la de um significado que ⁴ tem sua origem nos nossos próprios modos de viver e de pensar. ⁵ Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, ⁶ torna-se, deste modo, arte moderna.

⁷ As obras de arte, porém, são como altitudes inacessíveis. ⁸ Não nos dirigimos a elas diretamente, mas contornamo-las. ⁹ Cada geração as vê sob um ângulo diferente e sob uma nova ¹⁰ visão; nem se deve supor que um ponto de vista mais recente é ¹¹ mais eficiente do que um anterior. Cada aspecto surge na sua ¹² altura própria, que não pode ser antecipada nem prolongada; ¹³ e, todavia, o seu significado não está perdido porque o ¹⁴ significado que uma obra assume para uma geração posterior ¹⁵ é o resultado de uma série completa de interpretações anteriores.

Arnold Hauser, **Teorias da arte**. Adaptado.

No trecho “Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, torna-se, deste modo, arte moderna” (Refs. 5-6), as expressões sublinhadas podem ser substituídas, sem prejuízo do sentido do texto, respectivamente, por

- a) realmente; portanto.
- b) invariavelmente; ainda.
- c) com efeito; todavia.
- d) com segurança; também.
- e) possivelmente; até.

Comentários: A alternativa A é correta, pois “de fato” funciona como locução adverbial de afirmação, ou seja, confirma e dá mais força ao verbo “afete”, podendo ser substituído por “realmente”; e “deste modo” funciona como conjunção consecutiva, ou seja, denota consequência: se a obra de arte nos afeta, logo, ela se torna arte moderna.

A alternativa B está incorreta, pois “ainda” não denota consequência, mas sim adição.

A alternativa C está incorreta, pois “todavia” não denota consequência, mas sim oposição.

A alternativa D está incorreta pelo mesmo motivo da B: denota adição.

A alternativa E está incorreta, pois “possivelmente” denota dúvida.

Gabarito: A

6. (FUVEST - 2015)

¹ Tornando da malograda espera do tigre, alcançou o ² capanga um casal de velhinhos, que seguiam diante dele o ³ mesmo caminho, e conversavam acerca de seus negócios ⁴ particulares. Das poucas palavras que apanhara, percebeu ⁵ João Fera que destinavam eles uns cinquenta mil-réis, tudo ⁶ quanto possuíam, à compra de mantimentos, a fim de fazer ⁷ um moquirão*, com que pretendiam abrir uma boa roça.

⁸ – Mas chegará, homem? perguntou a velha.

⁹ – Há de se espichar bem, mulher!

¹⁰ Uma voz os interrompeu:

¹¹ – Por este preço dou eu conta da roça!

¹² – Ah! É nhô João!



¹³ Conheciam os velinhos o capanga, a quem tinham ¹⁴ por homem de palavra, e de fazer o que prometia. ¹⁵ Aceitaram sem mais hesitação; e foram mostrar o lugar que ¹⁶ estava destinado para o roçado.

¹⁷ Acompanhou-os João Fera; porém, mal seus olhos ¹⁸ descobriram entre os utensílios a enxada, a qual ele ¹⁹ esquecera um momento no afã de ganhar a soma precisa, ²⁰ que sem mais deu costas ao par de velinhos e foi-se ²¹ deixando-os embasbacados.

José de Alencar, **Til**.

* **moquirão** = mutirão (mobilização coletiva para auxílio mútuo, de caráter gratuito).

Considere os seguintes comentários sobre diferentes elementos linguísticos presentes no texto:

- I. Em “alcançou o capanga um casal de velinhos” (L. 1-2), o contexto permite identificar qual é o sujeito, mesmo este estando posposto.
- II. O verbo sublinhado no trecho “que seguiam diante dele o mesmo caminho” (L. 2-3) poderia estar no singular sem prejuízo para a correção gramatical.
- III. No trecho “que destinavam eles uns cinquenta mil-réis” (L. 5), pode-se apontar um uso informal do pronome pessoal reto “eles”, como na frase “Você tem visto eles por aí?”.

Está correto o que se afirma em

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) III, apenas.
- d) I e II, apenas.
- e) I, II e III.

Comentários: O Item I. está correto, pois “alcançou” dá sentido à oração seguinte: “, *que seguiam diante dele o ³ mesmo caminho*”. Foi alcançado quem “seguiam diante dele”, portanto, essa pessoa verbal é necessariamente plural: “casal de velinhos”. Logo, o sujeito será o outro termo da oração “capanga”.

O Item II. está correto, pois apesar de se referir a duas pessoas, “casal” é substantivo de coletividade e, como tal, é tratado no singular. O uso de plural aqui – que justifica o Item I. – é útil para não causar ambiguidades, como a questionada no Item I.

O Item III. está incorreto, pois o “eles” do texto assume função de sujeito (quem destinou os cinquenta mil-réis) e na frase do item, como objeto (quem foi visto por aí).

Gabarito: D

7. (UNESP – 2018)

“Na pedreira perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.” (2o parágrafo)

Os pronomes sublinhados referem-se, respectivamente, a

- a) “alavanca”, “um”, “viúva e órfãos”.
- b) “pedra”, “um”, “meninos”.
- c) “pedra”, “alavanca”, “viúva e órfãos”.



d) “alavanca”, “pedra”, “viúva e órfãos”.

e) “alavanca”, “pedra”, “meninos”.

Comentários: O pronome “se” é reflexivo, pois se refere ao próprio sujeito da ação: quem soltou da pedra? A alavanca.

O pronome “lhe” se refere à pessoa em cujo peito a alavanca bateu. Essa informação está no período anterior: “Na pedreira perdi um”: este “um” é a pessoa que morreu após ser atingida pela alavanca. O segundo “se”, também reflexivo, refere-se a quem sumiu. Aqui, fica claro que eram “a viúva e órfãos miúdos” pelo período que procede, pois explica lista o que ocorreu com cada uma das pessoas da família.

Gabarito: A

8. (UNESP – 2017 adaptada)

Em “Conta ela que seu Alfredo, **mal** viu minha tia sair, chegou-se a ela com ar disfarçado.”, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido do texto, por:

a) assim como.

b) logo que.

c) enquanto.

d) porque.

e) ainda que.

Comentários: O conectivo “mal” pode ser substituído por “nem bem”, “assim que” ou “logo que”, pois tem valor temporal sucessão (a viu sair e depois chegou-se). Por isso, a alternativa correta é a B.

A alternativa A está incorreta, pois tem valor comparativo.

A alternativa C está incorreta, pois tem valor temporal concomitante, ou seja, liga dois elementos que ocorrem ao mesmo tempo.

A alternativa D está incorreta, pois tem valor explicativo, de causa.

A alternativa E está incorreta, pois tem valor concessivo, ou seja, indica uma condição para que algo ocorra.

Gabarito: B

9. (UNESP - 2016 adaptado)

Leia o trecho do texto **Brinquedos incendiados**, e Cecília Meirelles.

Assim, o bando que passava, de casa para a escola e da escola para casa, parava longo tempo a contemplar aqueles brinquedos e lia aqueles nítidos preços, com seus cifrões e zeros, sem muita noção do valor – porque nós, crianças, de bolsos vazios, como namorados antigos, éramos só renúncia e amor. Bastava-nos levar na memória aquelas imagens e deixar cravadas nelas, como setas, os nossos olhos.

Abaixo, você encontra o texto reescrito, mas mantendo o mesmo sentido do texto original:

_____, o bando de crianças passava em frente ao bazar e parava _____ pudesse contemplar aqueles brinquedos, _____ lia os preços sem muita noção de valor, _____ o importante era levar na memória aquelas imagens fantásticas.



Para que haja coesão entre as ideias, as lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, por:

- a) Portanto ... se bem que ... assim que ... pois
- b) Entretanto ... para que ... depois que ... à medida que
- c) Desse modo ... para que ... enquanto ... pois
- d) Apesar disso ... ainda que ... depois que ... à medida que
- e) Todavia ... ainda que ... enquanto ... de sorte que

Comentários: A alternativa correta é a C, pois a primeira lacuna deve ser substituída por um conectivo que denote conclusão, semelhante a “assim”; a segunda lacuna, por um conectivo que denote finalidade, semelhante à preposição “a”; a terceira lacuna e a quarta precisam dar noção de concomitância, pois é a descrição de uma ação: os meninos contemplavam os brinquedos, enquanto liam os preços sem perceber e criavam memórias.

A alternativa A está incorreta, pois há erro na segunda lacuna, já que “se bem que” dá noção de concessão e na segunda lacuna “pois” dá noção de explicação.

A alternativa B está incorreta, pois “entretanto” dá noção de oposição, não conclusão.

A alternativa D está incorreta, pois “apesar disso” dá noção de concessão.

A alternativa E está incorreta, pois “todavia” dá noção de oposição.

Gabarito: C

10. (INSPER – 2017)

Os memes – termo usado para se referir a um conceito ou imagem que se espalha rapidamente no mundo virtual – costumam surgir de um fato inusitado ou de uma situação engraçada que se espalha pela internet e começa a ganhar variadas versões. Em época de eleições, os candidatos viram alvos perfeitos dessas paródias.

Especialistas ouvidos pelo Estado dizem, no entanto, que o surgimento desses “memes políticos” não significa que as pessoas estejam mais interessadas em discutir política. “Isso aconteceria se elas estivessem debatendo propostas dos candidatos. O meme surge só para divertir”, diz o consultor em marketing político Carlos Manhanelli.

Rafael Sbarai, pesquisador de mídias digitais, concorda. Para ele, o fenômeno se explica pela tecnologia, não pela política. “Temos hoje mais pessoas conectadas, mais pessoas passando mais tempo nas redes sociais, especialmente no Facebook.”

O especialista em marketing político digital Gabriel Rossi recomenda: quando algum candidato for alvo de um meme, desde que ele não seja ofensivo, as campanhas têm de encarar o fato com bom humor.

(<http://politica.estadao.com.br>)

No segundo parágrafo, emprega-se a expressão “no entanto”, em relação às informações do parágrafo anterior, com a finalidade de indicar uma

- a) comparação de ideias, com as quais se pode inferir que a análise de temas políticos já faz parte do cotidiano da maioria dos internautas.
- b) conclusão de ideias, com as quais se pode concluir que as pessoas têm se mostrado mais preocupadas atualmente em debater política.

- c) consequência de ideias, com as quais se pode comprovar a tendência do brasileiro em analisar a situação política do país com humor.
- d) contrajunção de ideias, com as quais se pode concluir que a discussão política perde espaço para o humor e para o entretenimento no mundo virtual.
- e) explicação de ideias, com as quais se pode entender que, no campo da política nacional, o humor tem espaço bastante restrito.

Comentários: “No entanto” é um conectivo que denota oposição. Portanto a alternativa correta é a D.

A alternativa A é incorreta, pois o período afirma que o uso de memes não garante a análise política.

A alternativa B é incorreta, pois o texto afirma justamente o contrário: que as pessoas não estão interessadas em discutir política.

A alternativa C é incorreta, pois as ideias não estão concatenadas a partir da ideia de consequência: segundo o texto, não é porque consomem memes que as pessoas não se interessam por discutir política.

A alternativa E é incorreta, pois o espaço de humor na política nacional não é restrito, uma vez que o texto versa sobre a profusão de memes de política.

Gabarito: D

3 – Prática de redação

Proposta I. (ITA – 2011)

TEXTO 1

José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam. E falou dos equívocos de nossa política migratória. As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. Viu músicos profissionais, bailarinas austríacas, cabeleireiras lituanas. Paul Balt toca acordeão, Ivan Donef faz coquetéis, Galar Bedrich é vendedor, Serof Nedko é ex-oficial, Luigi Tonizo é jogador de futebol, Ibolya Pohl é costureira. Tudo gente para o asfalto, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter.

O repórter tem razão. Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem. Essa linda costureirinha morena de Badajoz, essa Ingeborg que faz fotografias e essa Irgard que não faz coisa alguma, esse Stefan Cromick cuja única experiência na vida parece ter sido vender bombons – não, essa gente não vai aumentar a produção de batatinhas e quiabos nem plantar cidades no Brasil Central.

É insensato importar gente assim. Mas o destino das pessoas e dos países também é, muitas vezes, insensato: principalmente da gente nova e países novos. A humanidade não vive apenas de carne, alface e motores. Quem eram os pais de Einstein, eu pergunto; e se o jovem Chaplin quisesse hoje entrar no Brasil acaso poderia? Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas. Eles estão procurando alguma coisa: emigraram. Trazem pelo menos o patrimônio de sua inquietação e de seu apetite de vida. Muitos se perderão, sem futuro, na vagabundagem inconsequente das cidades; uma mulher dessas talvez se suicide



melancolicamente dentro de alguns anos, em algum quarto de pensão. Mas é preciso de tudo para fazer um mundo; e cada pessoa humana é um mistério de heranças e de taras. Acaso importamos o pintor Portinari, o arquiteto Niemeyer, o físico Lattes? E os construtores de nossa indústria, como vieram eles ou seus pais? Quem pergunta hoje, e que interessa saber, se esses homens ou seus pais ou seus avós vieram para o Brasil como agricultores, comerciantes, barbeiros ou capitalistas, aventureiros ou vendedores de gravata? Sem o tráfico de escravos não teríamos tido Machado de Assis, e Carlos Drummond seria impossível sem uma gota de sangue (ou uísque) escocês nas veias, e quem nos garante que uma legislação exemplar de imigração não teria feito Roberto Burle Marx nascer uruguaio, Vila Lobos mexicano, ou Pancetti chileno, o general Rondon canadense ou Noel Rosa em Moçambique? Sejamos humildes diante da pessoa humana: o grande homem do Brasil de amanhã pode descender de um clandestino que neste momento está saltando assustado na praça Mauá, e não sabe aonde ir, nem o que fazer. Façamos uma política de imigração sábia, perfeita, materialista; mas deixemos uma pequena margem aos inúteis e aos vagabundos, às aventureiras e aos tontos porque dentro de algum deles, como sorte grande da fantástica loteria humana, pode vir a nossa redenção e a nossa glória.

(BRAGA, R. Imigração. In: A borboleta amarela. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963)

TEXTO 2

Nos estudos de antropologia política de Pierre Clastres*, estudioso francês que conviveu durante muito tempo com tribos indígenas sul-americanas, menciona-se o fato de frequentemente os membros dessas tribos designarem a si mesmos com um vocábulo que em sua língua era sinônimo de “os homens” e reservavam para seus congêneres de tribos vizinhas termos como “ovos de Piolho”, “subhomens” ou equivalentes com valor pejorativo.

Trago esta referência – que Clastres denomina etnocentrismo – eloquente de uma xenofobia em sociedades primitivas, porque ela é tentadora para propor origens precoces, quem sabe constitucionais ou genéticas, no ódio ou recusa das diferenças.

A mesma precocidade, dizem alguns, encontra-se nas crianças. Uma criança uruguaia, com clara ascendência europeia, como é comum em nosso país, resultado do genocídio indígena, denuncia, entre indignada e temerosa, sua repulsa a uma criança japonesa que entrou em sua classe (fato raro em nosso meio) e argumenta que sua linguagem lhe é incompreensível e seus traços são diferentes e incomuns.

Se as crianças e os primitivos reagem deste modo, poder-se-ia concluir – precipitadamente – que o que manifestam, de maneira tão primária e transparente, é algo que os desenvolvimentos posteriores da civilização tornarão evidente de forma mais complexa e sofisticada, mas com a mesma contundência elementar.

Por esse caminho, e com a tendência humana a buscar causalidades simples e lineares, estamos a um passo de “encontrar” explicações instintivas do ódio e da violência, em uma hierarquização em que a natureza precede a cultura, território de escolha das argumentações racistas. A “natureza” – o “biológico” como “a” origem ou “a” causa – operam como explicação segura e tranquilizadora ante questões que nos encurralam na ignorância e na insegurança de um saber parcial. [...]

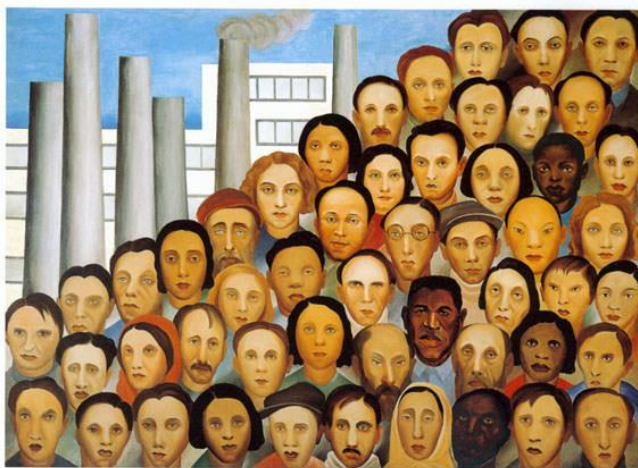
(*) Pierre Clastres (1934-1977)



(VIÑAR, M. O reconhecimento do próximo. Notas para pensar o ódio ao estrangeiro. In: Caterina Koltai (org.) O estrangeiro. São Paulo: Escuta; Fapesp, 1998)

Leia os dois excertos abaixo e observe a reprodução da tela de Tarsila do Amaral, os quais devem servir como subsídio para a escrita de sua redação. Você não precisa citá-los nem mesmo mencioná-los.

Considerando a relação entre os dois excertos, a tela de Tarsila do Amaral e os textos da prova sobre o mesmo tema, redija uma dissertação em prosa, sustentando um ponto de vista.



Operários, 1933, tela de Tarsila do Amaral (1886-1973)

Sem mão de obra, Santa Catarina importa haitianos

O haitiano O. P., de 30 anos, tem dois diplomas de nível superior – psicologia e serviço social – e fala três línguas – francês, espanhol e inglês. Seu conterrâneo, M. L., de 32 anos, tem uma carreira como engenheiro químico e já trabalhou em multinacionais. Há oito meses, eles decidiram trabalhar como operários da linha industrial de abate de suínos em um frigorífico na cidade de Chapecó, no oeste de Santa Catarina. O objetivo é tentar fugir da miséria que assola seu país desde o terremoto que matou 220.000 pessoas – o equivalente a uma Chapecó inteira – e deixou 1,5 milhão de desabrigados há quatro anos. M. L. trabalha oito horas por dia em uma câmara frigorífica em temperaturas negativas. Desacostumado ao frio, ele diz ter sofrido com dores de cabeça diárias quando chegou, mas não desistiu. Nos últimos meses, conseguiu poupar boa parte do salário de 1.500 reais e agora pretende trazer a noiva que vive no Haiti para o Brasil, como fez o colega O. P., que vai se casar até o final do ano. O. P. e M. L. fazem parte de um grupo de 800 haitianos que chegaram a Santa Catarina no ano passado atraídos pela oferta de trabalho, segundo dados da Polícia Federal.

(Veja, online, 02/02/2014, adaptado)

Morar no Brasil é “sonho” internacional

O Brasil é um dos 12 países mais cobiçados para se morar, segundo uma série de pesquisas feitas em 65 nações pelo WIN – coletivo dos principais institutos de pesquisa do mundo – e tabulada pelo Estadão Dados. O crescimento econômico na última década, aliado à boa imagem cultural do País

no exterior, fizeram com que o Brasil fosse citado como destino dos sonhos por moradores de dois em cada três países onde foi feito o estudo.

Na lista dos destinos mais cobiçados por quem não está feliz na terra natal, o Brasil é o único da América Latina, o único Bric (grupo formado por Brasil, Rússia, China e Índia) e a única nação ocidental em desenvolvimento. As pesquisas foram feitas no fim do ano passado e ouviram mais de 66 mil pessoas ao redor do globo. Elas foram questionadas se gostariam de morar no exterior se, hipoteticamente, não tivessem problemas como mudanças ou vistos e qual local elas escolheriam. Por isso, os resultados dizem mais sobre a imagem dos destinos mencionados do que com imigrantes em potencial. Se esse desejo virasse realidade, o Brasil receberia em torno de 78 milhões de imigrantes nesse cenário hipotético. [...]

(O Estado de S. Paulo, online, 11/01/2014)

Comentário:

Proposta I.

Nesta proposta, espera-se que o aluno seja capaz de desenvolver possíveis teses relacionadas à imigração, preconceito e relações de trabalho, unindo esses assuntos todos. O tema também dialoga com a questão dos fluxos migratórios e da crise de refugiados que o mundo vive.

O **Texto 1 da prova** aponta a incoerência em se colocar contrariamente à entrada de imigrantes no país, uma vez que muitas pessoas notáveis são elas próprias filhas de imigrantes. Se nos incomodamos com a entrada de refugiados, porque não nos incomodamos com estes outros filhos de estrangeiros. O texto sugere que há aspectos de racismo e xenofobia que fazem com que uns imigrantes sejam mais rejeitados do que outros.

O **Texto 2 da prova** fala sobre um estudo de um antropólogo que aponta que a rejeição ao diferente é um traço comum de diversas sociedades. O que ele conclui, porém, é que o avanço civilizatório traz consigo o ensinamento de lidar com as diferenças. No ambiente social, naquilo que é supostamente natural não precisa ser necessariamente preservado.

O **Quadro de Tarsila do Amaral**, aponta o contexto histórico de sua produção e a chegada dos imigrantes no início do século XX. Caberia aqui comparar esse processo histórico com o cenário atual.

As **reportagens apresentadas** expõe uma dualidade: ao mesmo tempo que somos apresentados à visão de que o Brasil seria um dos melhores lugares para imigrar, vemos também uma dura realidade: nem sempre há oportunidades de emprego para as pessoas que vêm para cá.

Há uma série de caminhos que poderiam ser tomados a partir disso. Tomando como base alguns elementos de cada texto:

- O combate ao preconceito contra estrangeiros passa também pelo combate ao racismo.

Possíveis argumentos: a ideia de que o Brasil é um país miscigenado – como aponta o quadro de Tarsila – encobre as diferenças no mercado de trabalho a partir da raça; a ideia de “democracia racial” a que muito se associa o Brasil não apresenta os fatos com profundidade, já que fica claro nos textos que emigrantes de determinados locais e etnias têm menos oportunidades; deve-se considerar também sobre quais as condições que os imigrantes encontram ao chegar no Brasil e se há receptividade ou estrutura governamental favorável.

- Reflexões acerca do porquê o Brasil é considerado um lugar tão bom para imigrar

Possíveis argumentos: o que causa a imagem do Brasil no exterior como lugar bom para imigrar?; deve-se considerar os fluxos migratórios tanto nas perspectivas históricas quanto atuais; a ideia de miscigenação pode ser responsável pela ideia de que aqui seria um país receptivo aos estrangeiros; o aluno pode também considerar contextos de atualidades e pensar sobre o crescimento do Brasil no período da redação, o que tornaria o Brasil um país atraente para a imigração.

Proposta II.

Texto 1

As Universidades Precisam Formar Sábios

A reitora de Harvard diz que instituições devem resolver questões práticas, mas não podem ignorar a marca do próprio DNA: produzir conhecimento

Veja.com, 25.03.2011

Em artigo recente para o jornal The New York Times, a senhora afirma que as universidades vivem uma crise de propósitos. Poderia explicar essa ideia? Um debate frequente de nossos dias é acerca de como as universidades podem contribuir com as necessidades mais imediatas da sociedade. Algumas delas são necessidades econômicas, e os estudantes vão às universidades de forma a serem treinados e qualificados para futuros empregos. Outras são descobertas e inovações e outros tipos de intervenções que podem ter um efeito imediato no mundo, como a cura de uma doença. Mas as universidades têm outros propósitos, que são de longo prazo e que são mais difíceis de mensurar, mas que são extremamente importantes para todos nós. No encontro que tive com os reitores brasileiros, ouvi uma frase que resume esse pensamento: a sociedade nos pede soluções para problemas práticos. Mas a universidade não deve se preocupar apenas com o bem estar imediato dos seres humanos, precisa fazer também com que eles sejam sábios. As universidades têm esse propósito humano, histórico, antropológico, que nos faz transcender o momento presente. Não nos preocupamos apenas se nossos alunos terão emprego amanhã. Precisamos garantir que eles tenham conhecimento.

(Disponível em <https://veja.abril.com.br/educacao/as-universidades-precisam-formar-sabios/>, acessado em 28.05.2019)

Texto 2

O profissional do século XXI

10 de dezembro de 2007

E como dever ser o profissional do século XXI? Bem, ele deve possuir muitas características, entre elas, empreendedorismo, resiliência, proatividade, liderança energizadora, percepção, comunicação, persuasão, assertividade, criatividade, cultura, humanismo. Todas elas têm sido muito requisitadas pelas empresas, mas devemos lembrar que não se trata de buscar profissionais supra-humanos, visto que isso é impossível e têm levado muitos a um nível elevado de estresse. Trata-se, apenas, de reconhecer seus potenciais e limitações, e a partir daí, de forma equilibrada e estruturada, buscar o autodesenvolvimento.

Também não podemos esquecer da relevância da tecnologia na vida de um profissional globalizado. Independentemente da área do conhecimento, ela fornece a base conceitual necessária a uma evolução do pensamento e da análise. Ainda, a utilização de ferramentas tecnológicas é um fator de diferenciação no mercado de trabalho. Compreender claramente o ambiente altamente tecnológico em que vivemos e suas correlações é fundamental para qualquer profissional, mas nada exacerbado que nos torne consumidores compulsivos dessas tecnologias. Por outro lado, os profissionais não podem ficar desatualizados com tal evolução e devem saber usá-la a seu favor para gerar resultados efetivos.

(Acessado em <https://administradores.com.br/noticias/o-profissional-do-seculo-xxi>, disponível em 28.05.2019)



Texto 3

A Universidade é um espaço de doutrinação ideológica?

A grande dificuldade de quem desmerece o valor dos conhecimentos das ciências humanas é não entender que elas não geram resultados palpáveis (a produção de uma cadeira, a construção de uma ponte) e sim em níveis abstratos. Raciocínio, lógica, reflexão, crítica, o significado de ética, a situação do ser humano em relação às outras coisas, as diferenças culturais, as regras simbólicas que regem as relações humanas, os motivos pelos quais levam as pessoas a fazerem o que fazem.

(...)

As ciências humanas não comportam verdades absolutas, diferente de outras disciplinas. Basta lembrar das fórmulas matemáticas, as leis que regem as reações químicas e físicas, as características biológicas de cada ser...

(...)

A crítica mais ácida aos cursos de ciências humanas é a de que teriam se tornado verdadeiros redutos de esquerdistas. Ela em parte é verdade, pois muitos diretórios e centros acadêmicos praticamente se tornaram diretórios de partidos políticos —principalmente PT, PCdoB e PSOL. Além disso, muitos mestres e doutores realmente têm mais afinidades com ideologias e lideranças mais à esquerda. No entanto, imaginar que seja possível “doutrinar” estudantes “ingênuos e indefesos” é um grande exagero.

(Disponível <http://www.jornaldaorla.com.br/noticias/38306-a-forca-do-pensamento/>, acessado em 28.05.2019)



Comentário:

Proposta II.

Nesta proposta, espera-se que o aluno seja capaz de desenvolver possíveis teses relacionadas ao **papel das ciências humanas e da reflexão social na educação do século XXI, discorrendo sobre qual o papel desses conhecimentos na construção de uma sociedade.**

O **Texto 1** é uma entrevista com a reitora de Harvard e destaca que, realmente, há um desafio para a universidade: produzir conhecimento que deve ser aplicado de forma imediata. Porém, há propósitos mais vagos e a longo prazo que não podem ser desprezados, pois a Universidade deveria “fazer também com que eles (os homens) sejam sábios”. Essa entrevista, no contexto da proposta, já faz uma divisão que praticamente se aplica a diferença entre ciências humanas e ciências exatas. As primeiras seriam responsáveis pela “sabedoria”, as últimas, pelo caráter mais técnico e “utilitário”.

O **Texto 2** fala sobre o perfil do profissional do século XXI que, ao que tudo indica, deve desenvolver cada vez mais habilidades na área tecno-científica. O texto faz referência também à formação humana (“cultura, humanismo”), mas essas características parecem ser um traço menor diante da “relevância da tecnologia”. No entanto, muitas vezes, mesmo alunos da área tecnológica reclamam do abismo entre Universidade e mundo prático

O **Texto 3** discorre sobre as críticas diretas aos cursos de Humanidades das universidades. Inicialmente, o texto expressa qual é a dificuldade em valorizar esse campo do saber: ele não gera resultados palpáveis e não comporta “verdades absolutas”. Após esse diagnóstico, o autor enfrenta a crítica de que tal área seria reduto da esquerda. Ele reconhece que há algo de verdadeiro nessa premissa, mas conclui que “imaginar que seja possível ‘doutrinar’ estudantes ‘ingênuos e indefesos’ é um grande exagero.”

Há uma série de caminhos que poderiam ser tomados a partir disso. Tomando como base alguns elementos de cada texto:

- A educação deve ser abrangente, abordando tanto as humanidades quanto a técnica.

Possíveis argumentos: Há uma impressão comum de que apenas o conhecimento materialmente aplicável deveria ser ensinado. Isso dialoga, porém, com a ideia de mercantilização da educação. A educação, quando tratada como mero produto vendável ou serviço comprável, deixa de cumprir seu papel.

- O papel das humanidades numa sociedade tecnicista é de promover a discussão sobre o presente, não deixando que nos acomodemos com o que não nos faz bem.

Possíveis argumentos: as humanidades procuram “transcender o presente” e dar conta da complexidade do mundo jamais perderia sua função, por mais que fosse incompreendida; no mundo tecnicista em que vivemos, há a tendência de que as Humanidades percam o espaço; já que estão longe do sistema produtivo, muitas vezes sendo críticas a ele.

- Há um estereótipo a ser desmontando sobre o que seriam as ciências humanas.

Possíveis argumentos: as humanidades têm muito pouco a oferecer em relação aos desafios próprios de um mundo globalizado; ao mesmo tempo, elas perdem valor justamente no momento em que mais se necessitada desses conhecimentos para que o homem não abdique de sua humanidade; humanidades têm valor, mas o criticismo desenvolvido nas Universidades ao longo do tempo, tornou-as alvos do setor conservador que a vê reduto de esquerda.

Proposta III. (ITA – 2011)

Texto 1

Véspera de um dos muitos feriados em 2009 e a insana tarefa de mover-se de um bairro a outro em São Paulo para uma reunião de trabalho. Claro que a cidade já tinha travado no meio da tarde. De táxi, pagaria uma fortuna para ficar parada e chegar atrasada, pois até as vias alternativas que os taxistas conhecem estavam entupidas. De ônibus, nem o corredor funcionaria, tomado pela fila dos mastodônticos veículos. Uma dádiva: eu não estava de carro. Com as pernas livres dos pedais do automóvel e um sapato baixo, nada como viver a liberdade de andar a pé. Carro já foi sinônimo de liberdade, mas não contava com o congestionamento.

Liberdade de verdade é trafegar entre os carros, e mesmo sem apostar corrida, observar que o automóvel na rua anda à mesma velocidade média que você na calçada. É quase como flunar. Sei, como motorista, que o mais irritante do trânsito é quando o pedestre naturalmente te ultrapassa. Enquanto você, no carro, gasta dinheiro para encher o ar de poluentes, esquentar o planeta e chegar atrasado às reuniões. E ainda há quem pegue congestionamento para andar de esteira na academia de ginástica.

Do Itaim ao Jardim Paulista, meia horinha de caminhada. Deu para ver que a Avenida Nove de Julho está cheia de mudas crescidas de pau-brasil. E mais uma porção de cenas que só andando a pé se pode observar. Até chegar ao compromisso pontualmente.

Claro que há pedras no meio do caminho dos pedestres, e muitas. Já foram inclusive objeto de teses acadêmicas. Uma delas, Andar a pé: um modo de transporte para a cidade de São Paulo, de Maria Ermelina Brosch Malatesta, sustenta que, apesar de ser a saída mais utilizada pela população nas atuais condições de esgotamento dos sistemas de mobilidade, o modo de transporte a pé é tratado de forma inadequada pelos responsáveis por administrar e planejar o município.

As maiores reclamações de quem usa o mais simples e barato meio de locomoção são os "obstáculos" que aparecem pelo caminho: bancas de camelôs, bancas de jornal, lixeira, postes. Além das calçadas estreitas, com buracos, degraus, desníveis. E o estacionamento de veículos nas calçadas, mais a entrada e a saída em guias rebaixadas, aponta o estudo.

Sem falar nas estatísticas: atropelamentos correspondem a 14% dos acidentes de trânsito. Se o acidente envolve vítimas fatais, o percentual sobe para nada menos que 50% – o que atesta a falta de investimento público no transporte a pé.

Na Região Metropolitana de São Paulo, as viagens a pé, com extensão mínima de 500 metros, correspondem a 34% do total de viagens. Percentual parecido com o de Londres, de 33%. Somadas aos 32% das viagens realizadas por transporte coletivo, que são iniciadas e concluídas por uma viagem a pé, perfazem o total de 66% das viagens! Um número bem desproporcional ao espaço destinado aos pedestres e ao investimento público destinado a eles, especialmente em uma cidade como São Paulo, onde o transporte individual motorizado tem a primazia.

A locomoção a pé acontece tanto nos locais de maior densidade – caso da área central, com registro de dois milhões de viagens a pé por dia –, como nas regiões mais distantes, onde são maiores as deficiências de transporte motorizado e o perfil de renda é menor. A maior parte das pessoas que andam a pé tem poder aquisitivo mais baixo. Elas buscam alternativas para enfrentar a condução

cara, desconfortável ou lotada, o ponto de ônibus ou estação distantes, a demora para a condução passar e a viagem demorada.

Já em bairros nobres, como Moema, Itaim e Jardins, por exemplo, é fácil ver carrões que saem das garagens para ir de uma esquina a outra e disputar improváveis vagas de estacionamento. A ideia é manter-se fechado em shoppings, boutiques, clubes, academias de ginástica, escolas, escritórios, porque o ambiente lá fora – o nosso meio ambiente urbano – dizem que é muito perigoso.

(Amália Safatle. <http://terramagazine.terra.com.br>, 15/07/2009. Adaptado.)

Texto 2

São Paulo – Não é preciso muito para imaginar o dia em que a moça da rádio nos anunciará, do helicóptero, o colapso final: “A CET¹ já não registra a extensão do congestionamento urbano. Podemos ver daqui que todos os carros em todas as ruas estão imobilizados. Ninguém anda, para frente ou para trás. A cidade, enfim, parou. As autoridades pedem calma, muita calma”.

“A autoestrada do Sul” é um conto extraordinário de Julio Cortázar². Está em Todos os fogos o fogo, de 1966 (a Civilização Brasileira traduziu). Narra, com monotonia infernal, um congestionamento entre Fontainebleau e Paris. É a história que inspirou Weekend à francesa (1967), de Godard³.

O que no início parece um transtorno corriqueiro vai assumindo contornos absurdos. Os personagens passam horas, mais horas, dias inteiros entalados na estrada.

Quando, sem explicações, o nó desata, os motoristas aceleram “sem que já se soubesse para que tanta pressa, por que essa correria na noite entre automóveis desconhecidos onde ninguém sabia nada sobre os outros, onde todos olhavam para a frente, exclusivamente para a frente”.

Não serve de consolo, mas faz pensar. Seguimos às cegas em frente há quanto tempo? De Prestes Maia aos túneis e viadutos de Maluf, a cidade foi induzida a andar de carro. Nossa urbanização se fez contra o transporte público. O símbolo modernizador da era JK é o pesadelo de agora, mas o fetiche da lata sobre rodas jamais se abalou.

Será ocasional que os carrões dos endinheirados – essas peruas hightech – se pareçam com tanques de guerra? As pessoas saem de casa dentro de bunkers, literalmente armadas. E, como um dos tipos do conto de Cortázar, veem no engarrafamento uma “afronta pessoal”.

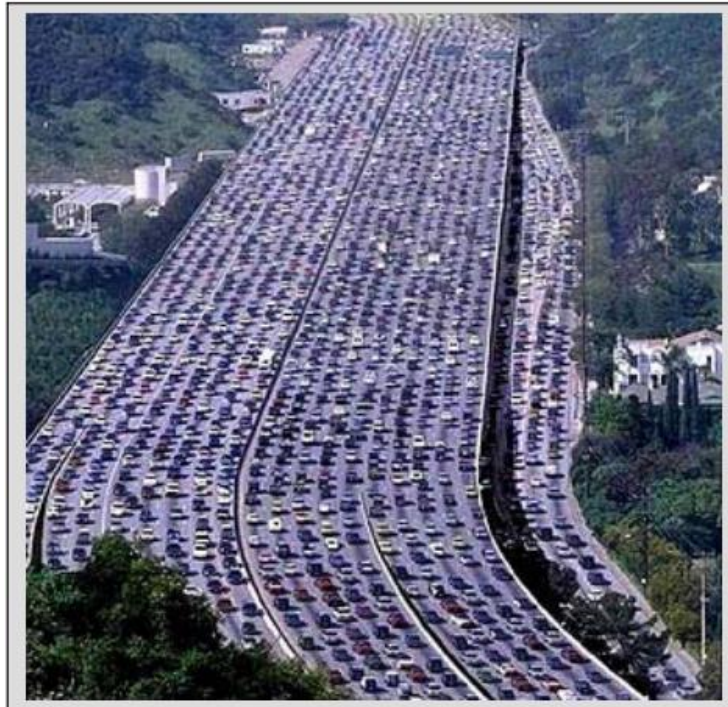
Alguém acredita em soluções sem que haja antes um colapso? Ontem era a crise aérea, amanhã será outra qualquer. A classe média necessita reciclar suas aflições. E sempre haverá algo a lembrá-la – coisa mais chata – de que ainda vivemos no Brasil.

(SILVA, Fernando de Barros. Folha de S. Paulo, 17/03/2008.)

(1) CET - Companhia de Engenharia de Tráfego. (2) Julio Cortázar (1914-1984), escritor argentino. (3) Jean-Luc Godard, cineasta francês, nascido em 1930.

Observe a foto abaixo. A partir dela, e considerando os textos desta prova, redija uma dissertação em prosa, na folha a ela destinada, argumentando em favor de um ponto de vista sobre o tema.





INSTRUÇÕES PARA REDAÇÃO

Na avaliação de sua redação, serão considerados:

- a) clareza e consistência dos argumentos em defesa de um ponto de vista sobre o assunto;
- b) coesão e coerência do texto; e
- c) domínio do português padrão. (Serão aceitos os dois Sistemas Ortográficos em vigor, conforme Decreto 6.583, de 29/09/2008.)

Atenção: A Banca Examinadora aceitará qualquer posicionamento ideológico do candidato.

Você poderá usar para rascunho de sua redação as páginas em branco dos cadernos de questões desta prova e da prova de Inglês. O rascunho não será considerado para avaliação de sua redação.

Comentário:

Proposta III.

Nesta proposta, espera-se que o aluno seja capaz de desenvolver possíveis teses relacionadas à **mobilidade urbana**.

O **Texto 1** fala sobre o que pode acontecer caso se deixe de usar o carro: olhar as ruas, chegar nos compromissos na hora etc. O autor também aponta para uma incoerência: se a maioria das viagens realizadas na cidade são feitas a pé ou de transporte público, por que motivo os carros possuem tanto espaço nas cidades.

O **Texto 2** fala sobre como nossa relação com o carro ainda é permeada pelo status. O texto cita carros de luxo e a postura da classe média em relação aos congestionamentos. O texto se questiona como essas relações se dão, principalmente, no espaço brasileiro.

A **fotografia** mostra uma estrada – um caminho supostamente mais livre e espaçoso – completamente tomada de carros, mostrando a gravidade do problema do congestionamento.

Há uma série de caminhos que poderiam ser tomados a partir disso. Tomando como base alguns elementos de cada texto:

- O carro como símbolo de status

Possíveis argumentos: historicamente, há um reforço ao uso do carro; desde JK até o governo Collor e os dias atuais, o próprio governo tomou para si muitas vezes a responsabilidade de fomentar uma cultura que supervaloriza o transporte automobilístico; há uma ideia muito forte no Brasil de que uma melhoria da condição financeira estaria atrelada à posse de um carro; o transporte público é frequentemente associado às classes mais baixas.

- As consequências do congestionamento em diversas áreas da vida

Possíveis argumentos: o excesso de carros tem uma série de consequências ruins: aumento da poluição nos grandes centros urbanos, perda de tempo nos congestionamentos, stress no motorista, entre outros; os congestionamentos produzem efeitos negativos nos motoristas, podendo mesmo ser um fator de incentivo à violência no trânsito; em contrapartida, quais os benefícios da diminuição do uso do carro: melhoria da saúde, menos tempo de deslocamento entre os lugares, conhecer lugares novos etc.

- Possíveis alternativas de transporte

Possíveis argumentos: um transporte público de maior qualidade pode incentivar a diminuição do uso do carro; para mudar a mentalidade das pessoas em relação ao transporte público é preciso que a oferta de ônibus e metrô seja maior e mais conveniente: novas linhas, estações e corredores de ônibus são exemplos de possíveis melhorias; além dos transportes públicos, outras alternativas como as ciclovias podem modificar a relação do cidadão com os transportes. Em 2011, quando essa imagem compôs a prova, as ciclovias na cidade de São Paulo ainda não eram tão comuns ou estruturadas como são hoje em dia. Atualmente, essa redação poderia contar já com esses dados para apontar dados sobre o uso de outros transportes.

Proposta IV.

Texto 1

Novo relatório da ONU reforça ameaças do aquecimento global

O novo trabalho do órgão da ONU Painel Intergovernamental para a Mudança Climática (IPCC, na sigla em inglês) diz que os efeitos do aquecimento estão sendo sentidos em todo lugar, contribuindo para possíveis crises de escassez alimentar, desastres naturais e guerras.

(...)

Os cientistas projetam que o aquecimento poderá reduzir o PIB global em 0,2 a 2 por cento ao ano, caso as temperaturas medianas subam até 2 graus Celsius — uma estimativa que muitos países consideram modesta demais.

“Ao longo da próxima década, a mudança climática terá impactos majoritariamente negativos”, disse Michel Jarraud, secretário-geral da Organização Meteorológica Mundial (OMM), citando cidades, ecossistemas e o abastecimento hídrico como áreas de risco.

“Os pobres e vulneráveis serão mais afetados”, acrescentou. Entre os principais riscos estão a inundação permanente de pequenas ilhas e áreas costeiras.

(Disponível em <https://br.reuters.com/article/worldNews/idBRSPA2U01420140331>, acessado em 18.03.2019)

Texto 2

Impostura verde

Já houve até evento fashion em que hedonistas voluntariam trocados para plantar árvores

Hoje em dia ninguém mais cita o filósofo Gilles Deleuze (1925-1995) em jornal -a não ser, talvez, para criticá-lo. Mesmo quem o conhece mal, porém, não deixará de reconhecer como é certa sua caracterização do marketing como "a raça impudente de nossos senhores". Em especial se topar com um anúncio da nova coleção de roupas Diesel.

Pessoas sensatas, em tempos normais, pensariam duas vezes antes de adquirir confecções de uma empresa que publica no Brasil anúncios inteiramente em inglês. Só que nosso tempo há muito deixou de ser normal. E o Brasil, todos sabem, nunca foi sério. Precisava carimbar a campanha com um "Global Warming Ready", porém? Para quem não sabe, a frase quer dizer "pronto(a) para o aquecimento global". Noutro lugar, anuncia-se que são roupas para permanecer "cool" (bacana, ou, literalmente, fresco) enquanto o mundo se aquece.

As imagens utilizadas são ainda mais loquazes. Numa delas, um rapaz de camisa aberta lambuza com filtro solar a garota em vias de trepar num coqueiro. Seria só a razão cotidiana de nonsense da publicidade de moda, não fosse pelo carimbo mencionado e por mostrar no fundo, à esquerda, o mar batendo no topo do que parece ser o monte Rushmore, nos EUA.

A face esculpida em pedra, com água pelo nariz, talvez seja a de Abraham Lincoln. Não aparecem na imagem as outras três do famoso monumento em Dakota do Sul: George Washington, Thomas Jefferson e Theodore Roosevelt. O quarteto de presidentes só se mostra por inteiro noutro quadro, em que um modelo sarado lê um livro com geleiras na capa, deitado na areia da mesma praia. A mesma alusão à elevação do nível dos mares como resultado do aquecimento global surge num plágio deslavado do filme "O Dia Depois de Amanhã". Em tela, arranha-céus de Nova York (Chicago?) com água na cintura.



Nesse álbum disparatado ainda há espaço para araras no lugar dos pombos da praça São Marcos em Veneza, vegetação equatorial ao lado da torre Eiffel e gente de biquíni ao lado de pinguins. Na Antártida, supõe-se. A publicidade não tem nem precisa ter compromisso com a realidade, sequer com a verossimilhança. Seu liquidificador de signos já nasceu pós-moderno. O que salta aos olhos são os sobretons frívolos para retratar uma questão de sobrevivência.

O aquecimento global virou moda, modismo. Já houve até evento fashion "carbon-neutral", em que hedonistas compungidos voluntariam uns caraminguás para plantar árvores, não se sabe nem se quer saber onde. Peles de animais, contudo, voltaram a ser chiques. O mundinho é verde, ma non troppo. Ao final, todos montam em seus jipões 4x4 movidos a (muito) diesel e rodam superiores sobre o asfalto esburacado das metrópoles brasileiras. Os mais radicais se filiam a alguma ONG -com nome em inglês, claro.

Dá vontade de incorporar um "nerd" rápido. Lembrar que Dakota do Sul fica no meio dos Estados Unidos, onde o mar nunca vai chegar (não na escala de tempo que interessa à espécie humana). O monte Rushmore, aliás, está 1.745 metros acima do nível do mar, que deve subir só meio metro nos próximos cem anos, segundo a última previsão do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática). Quem é que quer saber de informação, no entanto? O negócio agora é ser "ambiental". Qualquer dia desses nasce a grife Biodiesel.

(Leite, Marcelo. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 18 de março de 2007).



Comentário:

Proposta IV.

Nesta proposta, espera-se que o aluno seja capaz de desenvolver possíveis teses relacionadas à **importância e limites do ativismo ambiental, discorrendo sobre como alertar a população da importância de discutir pautas ambientais, sem neutralizar essas pautas, esvaziando seu sentido.**

O **Texto 1** apresenta dados acerca das mudanças climáticas do planeta. Este texto seria muito útil para fazer a comprovação de seus argumentos a partir de fatos concretos. Ali há números sobre a temperatura, vozes autorizadas e especializadas no assunto e comentários mais técnicos.

O **Texto 2** aponta para a ideia de que a preocupação com o meio ambiente seria uma verdadeira impostura. Para provar isso, ele elege a campanha da Diesel, criticando-a duramente. Para o autor, a empresa se vale de “sobretons frívolos para retratar uma questão de sobrevivência”. Conclui que a questão ambiental se tornou uma questão de moda e não exatamente uma preocupação séria. O discurso de defesa ambiental parece ter conquistado mentes e corações e quase todo mundo o repete como um mantra. Na prática, essa postura é ostentada como forma de reconhecimento social, mas apenas isso. Defender o meio ambiente se tornou “legal”. A adesão ao ativismo ambiental é cínica, fala-se muito, faz-se pouco.

Há uma série de caminhos que poderiam ser tomados a partir disso. Tomando como base alguns elementos de cada texto:

- A falta de vontade do indivíduo em contribuir para a preservação do meio ambiente

Possíveis argumentos: em que medida as pessoas de fato se preocupam com o meio ambiente?; a preocupação para na medida em que precisamos mudar nossos hábitos; a geração de lixo excessiva e o consumo impulsivo estão ligados a questões de conforto, ou seja, é mais fácil realizar ações cotidianas sem considerar o impacto ambiental; com isso, muitas pessoas deixam de atuar sobre a preservação para não mudar seu estilo de vida; a longo prazo, o que pode representar para o meio ambiente essa não mudança de comportamento?

- Os problemas estruturais na preservação do meio ambiente considerando-se as questões sociais

Possíveis argumentos: pensar como no sistema capitalista, permeado por relações de consumo e classe social, a preservação do meio ambiente se torna possível; na sociedade do consumo, a compra de mercadorias não pode se basear numa reflexão sobre o próprio ato de comprar, ou seja, a questão ambiental só pode ser lembrada de forma superficial, sem que gere qualquer tipo de culpa; nesse contexto, o ativismo encontra seu limite na própria dinâmica da vida moderna.

Considerações finais

Não deixe de produzir as redações e enviá-las para correção. É **muito** importante que você não acumule redações para a última hora, pois não teremos tempo para corrigir. Na próxima aula, vamos estudar a conclusão da redação. Qualquer dúvida estou à disposição no fórum ou nas redes sociais.

Prof.^a Celina Gil



/professora.celina.gil



Professora Celina Gil



@professoracelinagil

Versão	Data	Modificações
1	26/04/2020	Primeira versão do texto.

